versidade Federal do Ceará, V. 1 (Coleção A Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar) 2009.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2003

SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down. São Paulo: Mackenzie, 1999

VALDEZ, Daniel. É preciso desenvolver culturas inclusivas. Pátio. Ano VI set/nov 2014.

A FUNÇÃO SOCIAL DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ELAINE CRISTINA MIGUEL FELICIANO

Resumo

A instituição escola sempre foi alvo de discussões, e sempre reflete um momento histórico, podemos constatar que desde os primórdios o homem vem educando uns aos outros através da interação, dai vai surgindo a divisão de propriedades, de classes, trabalho, a exploração do trabalho alheio, dando inicio ao capitalismo, e a escola foi criada pela necessidade do domínio cultural e intelectual pela população. Quando o homem era ainda nômade e vivia em um mundo hostil, onde existia a força da natureza, os animais ferozes, a necessidade de se alimentar e se proteger, nossos antepassados começaram a explicar esses fenômenos como sendo causados pela divindade, então criaram o Olimpo onde deuses comandavam e interferiam na vida dos mortais, essa explicação bastava até o surgimento da filosofia, depois da ciência que a partir de então começou a explicar esses fenômenos.

Palavras Chave: Educação. Sociedade. Escola.

ABSTRACT

The school institution has always been the subject of discussions, and always

reflects the historical moment, we can see that from the beginning man has been educating each other through interaction, hence the emergence of division of properties, classes, work, labor exploitation The beginning of capitalism, and the school was created by the need of the cultural and intellectual domain for the population. When man was still nomadic and lived in a hostile world where there was the force of nature, ferocious animals, the need to feed and protect, our ancestors began to explain these phenomena as being caused by divinity, so they created Olympus Where gods commanded and interfered in mortal life, this explanation was enough until the emergence of philosophy, after the science that from then on began to explain these phenomena.

Keywords: Education. Society. School.

INTRODUÇÃO

A concepção de infância é recente historicamente falando, pois na idade média assim como as mulheres as crianças eram consideradas inferiores, não se tinha um cuidado com as fases do desenvolvimento, aliás o período de infância era reduzido, e a criança era considerada como um adulto em miniatura sendo posto para trabalhar, assim que ela apresentava independência física (Ariès , 1978).

Segundo Gentili (1998), os arautos das mudanças do sistema educacional na América Latina defendem que se faz necessário reformar a escola para adequá-la às necessidades do mercado de trabalho. Na perspectiva neoliberal

> Existe uma crise de qualidade porque os sistemas educacionais latinoamericanos não se configuraram como verdadeiros mercados escolares regulados por uma lógica interinstitucional, flexível e meritocrática. A escola está em crise porque nela não se institucionalizaram os critérios competitivos que garantem uma distribuição diferenciado serviço, que se fundamente no mérito e no esforço individual dos "usuários" do sistema. No seu âmbito, não foi estabelecido o necessário sistema de prêmios e castigos, que recompensa ou pune as ações e decisões individuais; em suma, um sistema em que os "melhores" triunfam e os "piores" fracassam. (GENTILI, 1998, p. 18).

Ainda segundo Ariès (1978), a criança não era cuidada como nos dias de hoje, que temos a preocupação com saúde, educação e desenvolvimento, quando uma criança nascia era considerada engraçadinha, assim como um bichinho de estimação, e quando morriam alguns demonstravam algum pesar, mas em geral não, porque havia muita mortalidade infantil, e isso era atribuído ao acaso, a criança mal aprendia a andar sozinho, e já era misturados aos adultos tanto nos jogos quanto nos trabalhos, essa criança tinha que amadurecer, e não eram respeitadas as suas fases de desenvolvimento, aliás isso nem existia, no fim do século XVII, as coisas começaram a mudar, e a escolarização chegou como meio de substituir a aprendizagem como meio de educação, e com essa escolarização mudou –se a dinâmica dessas famílias.

Nóvoa (2007, p. 6) Há hoje [na escola] um excesso de missões. A sociedade foi lançando para dentro da escola muitas tarefas – que foram aos poucos apropriadas pelos professores com grande generosidade, com grande voluntarismo –, o que tem levado em muitos casos a um excesso de dispersão, à dificuldade de definir prioridades, como se tudo fosse importante. Muitas das nossas escolas são instituições distraídas, dispersivas, incapazes de um foco, de definir estratégias claras. E quando se enuncia cada uma dessas missões ninguém ousa dizer que não são importantes. Mas a pergunta que se deve fazer é: a escola pode fazer tudo? É preciso combater esse "transbordamento". Tudo é importante, desde que não se esqueça de que a prioridade primeira dos docentes é a aprendizagem dos alunos.

Sendo assim ouvir as crianças e a partir dessa demanda pensar em um plano não

é uma tarefa fácil uma vez que nos viemos de uma educação bancária onde o professor detinha todo saber, e descobrir que isso não acontece mexe com as vaidades, é o olhar para o outro, é dar voz a criança, e quando percebemos isso é libertador.

Somos seres de linguagem, estudos já comprovaram que desde a concepção os

bebes vão construindo sua inscrição psíquica e estreitar a relação com a mãe é muito importante para esse novo ser que se forma, e quando nascemos identificamos a voz da mãe e do pai, e isso faz com a gente se sinta mais seguro em relação ao mundo novo e hostil no qual acabou de chegar.

[...] as crianças aprendem pouco, a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida (NÓVOA, 2007, p. 14).

A partir do momento em que essas crianças forem vistas como sujeitos, que tem uma vivencia anterior e isso for considerado, conhecer esse ser, vai mudar o olhar para com essa criança, porque quem não conhece julga, e o que deve ser considerado é o quanto sera proporcionado para ela oportunidades de fazer suas escolhas, nos adultos precisamos entender que as crianças são capazes e precisamos encorajá-las.

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenhes de saberes válidos às necessidades da realidade (PIMENTA, 2000, p.19).

O que percebemos é que existem alguns princípios que norteiam para que haja o desenvolvimento, um deles é o vinculo entre o bebe e quem cuida dele, outro é o respeito a individualidade e também promover a autonomia.

DESENVOLVIMENTO

A educação infantil tem passado por muitas transformações agora o olhar para os bebes e crianças tem sido mais humanizados e essa modalidade de ensino tem recebido investimento porem ainda tem um longo caminho a seguir muitos teóricos também tem se dedicado e descoberto muitas questões referente ao desenvolvimento humano e isso nos ajuda na nossa prática.

Todavia com as mudanças ocorridas na sociedade, seguidas de uma diversificação de funções e tarefas, essa forma de educação torna-se ineficiente. Isso significa que as demandas de interesses e necessidades de uma sociedade mais povoada e complexa não comportavam uma educação direta das novas gerações nas células primárias de convivência: a família, o grupo de iguais, os centros ou grupos de trabalho e produção. (Gomes, 2000, p. 13)

Assim antes de tudo precisamos refletir, afinal o que queremos para educação infantil considerando as interpretações e ideias advindas das próprias crianças sobre a escuta que precisamos ter pra elas.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono. Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História,mas seu sujeito igualmente (FREIRE, p. 7677, 2008).

A escola nos formatos tradicionais não cabe essa criança e nem educadores que querem transformar essa realidade e romper com crenças e tradições.

por si própria, a teoria é inoperante, ou seja, não se realiza; sua eficácia écondicionada pela existência de uma necessidade radical que seexpressa como crítica radical e que, por sua vez, torna possível suaaceitação (VÁZQUEZ, p. 117, 2007).

Pensar em uma integralidade depois de anos a fio pensando por áreas do conhecimento, é difícil fazer essa desconstrução pois sempre acabamos privilegiando uma área e esquecendo outra, pensar artes, literatura,

linguagem oral, matemática, é um pensamento dividido, o objetivo quando se trabalha com criança pequena é fazer o exercício de integrar, é um exercício a se fazer diariamente com muita reflexão para que consigamos de fato um currículo integrador.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo (FREIRE,p.110, 2002).

Nos últimos tempos a preocupação com o desenvolvimento humano tem aumentado, cresce cada vez mais o numero de pesquisas referindo-se a como melhorar o desempenho das crianças para que cresçam adultos inteligentes, habilidosos, autônomos,

Não há uma educação universal, boa em si. Ela é uma forma irresistível, imposta sobre os outros para cumprir fins determinados de fora. Se não podemos nos libertar totalmente do seu poder, o conhecimento dele pode atenuar seus efeitos. Se cada sociedade considerada em determinado momento histórico do seu desenvolvimento, impõe um tipo de educação, é necessário que conheçamos esta sociedade e seu momento histórico se queremos desnudar o seu sistema de educação. Especialmente quando é preciso reverter o processo em que se está mergulhado (RODRIGUES, 2001, p.78).

A Partir disso os olhos se voltam para aquele sujeito que ate então não era considerado como ser integrante da sociedade, e com isto pesquisas e estudos foram sendo feitos afim de entender como se dava o aprendizado, o desenvolvimento e o pensamento da criança.

A educação tem variado infinitamente com o tempo e com o meio. Nas cidades gregas e latnas a educação conduzia o indivíduo a subordinarse cegamente à coletividade [...]. Hoje esforça-se em fazer dele uma personalidade autônoma. Em Atenas, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis [...], capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, [...]; na Idade Média a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença toma caráter mais leigo, mais literário; nos dias de hoje, a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia. Na verdade, [...] cada sociedade considerada em momento histórico determinado do seu desenvolvimento, possui um sistema de educação que se impõe aos indivíduos [...]. (DURKHEIM, 1972, p. 35-36).

A todo momento a criança está criando, sonhando tentando entender seu lugar no mundo, por isso nos educadores precisamos nos atualizar nos reciclar abrir mão de preconceitos e ideias pré- concebidas.

O de conseguir o desenvolvimento econômico, como suporte da democracia, de que resultasse a supressão do poder desumano de opressão das classes muito ricas sobre as muito pobres. E de coincidir o desenvolvimento com um projeto autônomo da nação brasileira (FREIRE, 1982, p. 87).

Definitivamente não, uma vez que a tarefa das instituições de educação infantil não se limita ao domínio do conhecimento, assumindo funções de complementaridade e socialização relativas tanto à educação como ao cuidado e tendo como objeto as relações educativas-pedagógicas5 estabelecidas entre e com as crianças pequenas (0 a 6 anos). Estas relações envolvem, além da dimensão cognitiva, as dimensões expressiva, lúdica, criativa, afetiva, nutricional, médica, sexual, física, psicológica, lingüística e cultural. Dimensões humanas que têm sido constantemente esquecidas numa sociedade onde o que prevalece é o privilegiamento de um conhecimento parcializado resultante da fragmentação em diferentes disciplinas científicas.

Portanto, os governos neoliberais tratam de um problema de administração e não de aumentar orçamento educacional, apenas de gastar este orçamento da melhor forma, ou seja, não é necessário contratar mais trabalhadores mas sim, “docentes mais bem formados e capacitados"; além disso, não se percebe a necessidade da construção de mais escolas, mas sim, de se "fazer um uso mais racional do espaço escolar; que não faltam mais alunos, mas 'alunos mais responsáveis e comprometidos com o estudo'". (GENTILI, 1998, p.19). Os governos neoliberais dizem fazer uma revolução educacional, mantendo os mesmos recursos financeiros, mas, é preciso

[...] promover uma profunda reforma administrativa que reconheça que tãosomente o mercado pode desempenhar um papel eficaz na destinação de recursos e na produção da informação necessária para a implementação de mecanismos competitivos meritocráticos que orientem os processos de seleção e hierarquização das instituições escolares e dos indivíduos que atuam nelas. Trata-se de transferir a educação da esfera da política para a esfera do mercado, negando sua condição de direito social e transformandoa em uma possibilidade de consumo individual, variável segundo o mérito e capacidade dos consumidores.(GENTILI, 1998, p.19).

Pensar a função social da escola é, portanto, refletir de forma posicionada política e ideologicamente, diante do que esta instituição faz ou deixa de fazer, do por que, para quem, quando e como faz.

[...] uma organização dinâmica, aberta, flexível, tem contribuído para uma profusão de estudos centrados na cultura escolar. A perspectiva de que a escola é o centro da

mudança educacional enfatiza o potencial instituinte dos sujeitos (professores, gestores, funcionários), minimizando-se a importância de condições objetivas para a mudança. A primazia dada à subjetividade, como elemento fundamental por meio do qual a realidade vai sendo construída, apela para o voluntarismo e ignora a importância de condições estruturais adequadas para a garantia da qualidade da educação. O enaltecimento do desenvolvimento profissional dos professores, a reflexão sobre a prática, corresponde a uma imagem idealizada baseada em escolhas individuais, em ideias inovadoras capazes de garantir mudanças. Amplia-se a responsabilidade dos sujeitos sem aumentar o poder de transformação das condições em que desenvolvem seu trabalho.

Masson (2009, p.21).

Entende-se que quando a responsabilidade do trabalho passa ser somente do sujeito trabalhador, retira dos órgãos responsáveis o dever de cuidado com as melhorias e investimentos para um desenvolvimento com qualificação, sendo que neste caso nos referimos à educação.

A qualidade da educação é um fenômeno complexo, abrangente, que envolve múltiplas dimensões, não podendo ser apreendido apenas por um reconhecimento da variedade e das quantidades mínimas de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensinoaprendizagem; nem, muito menos, pode ser apreendido sem tais insumos. Em outros termos, a qualidade da educação envolve dimensões extra e intraescolares e, nessa ótica, devem se considerar os diferentes atores, a dinâmica pedagógica, ou seja, os processos de ensino-aprendizagem, os currículos, as expectativas de aprendizagem, bem como os diferentes fatores extraescolares que interferem direta ou indiretamente nos resultados educativos. (DOURADO, 2013, p.8).

Para que a educação de qualidade aconteça, também se faz necessário avançar para além da garantia da educação básica obrigatória, democratizando o acesso a toda a educação básica e superior.

Nesta perspectiva, os conceitos do professor não são conduzidos de forma mecânica e direta ao aluno, não é simplesmente retirado o conhecimento do professor e implantado no aluno. Mas sim, é um caminho que se percorre desde o primeiro contato da criança com o novo conceito até o período em que a palavra se torne propriedade sua, como conceito científico, é um complexo processo psíquico interno e envolve a concepção da nova palavra, seu uso e assimilação real.

A autora referencia a importância que Vygotsky (2001) dá ao ensino dos conhecimentos científicos, não cotidianos 27quando enfatiza que a formação de conceitos reorganiza todas as funções psíquicas, isto é, requalifica o sistema psíquico. Portanto, ao "requalificar as funções psíquicas, a aprendizagem escolar cumpre uma de suas principais funções: incidir na personalidade dos indivíduos, posto que nela sintetizam-se todas as propriedades culturalmente formadas". (MARTINS, 2013, p.279).

A questão do desenvolvimento dos conceitos científicos na idade escolar é, antes de tudo, uma questão prática de enorme importância, que pode ser primordial do ponto de vista das tarefas a que se propõe a escola ao ensinar à criança o sistema de conhecimentos científicos. Sem dúvida, o que sabemos sobre essa questão surpreende por sua escassez. Tem, ademais, um significado teórico importante, uma vez que a investigação do desenvolvimento dos conceitos científicos, quer dizer, dos conceitos autênticos, verdadeiros, pode nos permitir descobrir desigualdades mais profundas, mais fundamentais de qualquer processo de formação dos conceitos em geral. E surpreendentemente é que esse problema, no qual está contida a chave de toda história do desenvolvimento intelectual da criança e a partir do qual deveria se iniciar a investigação do desenvolvimento do pensamento infantil, tem sido muito pouco estudado até agora. [...] Os conceitos científicos também se desenvolvem e não são assimilados já acabados, a generalização das conclusões obtidas no estudo dos conceitos cotidianos ao campo dos conceitos científicos carece de legitimidade. (VYGOTSKY, 2001, p.181 apud MARTINS, 2013, p. 279).

Vygotsky, ao discutir sobre as formações dos conceitos, partindo de suas verificações, propõe que o ensino motiva o desenvolvimento e que o ensino de conceitos científicos, sendo considerado por ele - os verdadeiros conceitosultrapassa qualitativamente o ensino centrado em conceitos cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ao educador privilegiar a criança na construção desse repertório para que ao vivencias tais experiencias, a criança que é um ser dotado de potencialidade, respeitando seu desenvolvimento, e estimulando sua autonomia.

Deixando que ele estabeleça suas relações sociais, descubra seu corpo e utilize esse corpo para as diferentes linguagens.

Não se esquecendo porém que essa criança traz consigo suas manifestações culturais, e o educador deve respeitar esses conhecimentos e essas manifestações, é necessário que além de ter o olhar para esse fator, para q esse ser sinta-se valorizado e assim aprende a valorizar também.

Não importa a abordagem ,a criança vai criando uma consciência de si e do mundo que a rodeia, e as primeiras experiencias são de